MEDICINA PUBLICA

Os narcotizadores

Variam os meios com que, pharmacologicamente considerados, se obtem a anesthesia, o entorpecimento do corpo. Destes, uns tem acção geral e local, outros só acção local: uns agem por absorpção nas vias respiratorias, outros por ingestão; e, uns e outros acarretam essa paralysia do sentimento, em virtude do que se praticam actos de natureza differente, uns para fim inteiramente benefico, como na therapeutica, outros para fins inconfessaveis.

E' sabido que o chloroformio, o ether, o bromethylo quando respirados fazem adormecer á quem está acordado e até transformar o somno natural em artificial: tambem sabe-se que por ingestão certas outras substancias produzem esse resultado, como sejam o opio e seus derivados, o chloral, a belladona, etc.

A anesthesia geral, que é de preferencia obtida pelo chloroformio, obriga-me, no interesse deste estudo, a algumas considerações. E' assim que na chloroformisação dous periodos são bem apreciaveis: o de
excitação e o de depressão. A não tratar-se de casos
em que os reflexos nazaes estejam embotados pela
acção da cocaina, como aconselham alguns, ou que
previamente se tenha applicado a morphina, esse periodo de excitação, em regra, constitue serio embaraço
á quem administra o anesthesico; mas, vencido que
seja, segue-se o de depressão caracterisado pela paralysia do sentimento e movimento: o chloroformisado
é qual um morto apparente.

O que se obtem com o chloroformio que, segundo as estatisticas, é o que tem dado melhores resultados, tambem consegue-se com o ether, o bromethylo, o protoxydo de azoto, etc.; e tudo que tenho de adduzir a proposito do chloroformio, obedecendo a natureza deste assumpto, póde-se applicar á qualquer dos outros soporiferos, principalmente na resolução do problema que consiste na possibilidade da transformação do somno natural em somno anesthesico. E' possivel chloroformisar uma pessoa que dorme?

Quem, a vista das considerações que acabei de fazer, quizer responder de modo consoante á acção do chloroformio, deverá dizer: não; o narcotico tendo acção excitante despertará quem estiver dormindo: mas, quem tiver conhecimento das experiencias feitas, além desse, com outros narcoticos como o protoxydo de azoto e o ether, reflectirá maduramente para responder.

Em 1844 Horatio Wells verificou que com o gaz hilariante podia se obter essa passagem de um para outro somno: em 1866, Tourdes, de Strasbourg, confirmou as experiencias daquelle; Hergott, em seguida, chegou á mesma conclusão; Cucuel da mesma

fórma não só com o protoxydo de azoto como com o ether, menos o chloroformio.

Estavam as cousas neste pé, quando em 1873 e 1874 Dolbeau deu conhecimento á Sociedade de Medicina Legal, em Paris, das experiencias que fez com o chloroformio e nas quaes transformou o somno physiologico em anesthesico, dez vezes sobre vinte nove. Gurrieri, de Bologne, em nove vezes conseguio adormecer quatro pessoas; cumprindo, porém, notar que quasi todas estas experiencias com o chloroformio foram praticadas em mulheres nervosas, pessoas fracas, doentes e creanças «Brouardel».

Por estas experiencias não deve-se concluir que o problema esteja resolvido, não: é preciso que o chloroformio seja administrado por quem sabe-o fazer e de modo a garantir o fim esperado. Si á uma pessoa que dorme applicar-se bruscamente uma mascara, uma compressa com o narcotico ás vias externas do apparelho respiratorio, ella despertará, é certo, devido ao proprio chloroformio; pois quem não sabe, acreditando apenas na sua acção soporifera, fica batido no seu perigoso tentamen.

Além deste manejo, accresce que o chloroformio e o ether, corpos de mais facil acquisição, se denunciam logo por seu cheiro caracteristico, o que os incompatibilisa para o fim á que quero chegar.

Sendo, portanto, possivel transformar o somno physiologico em anesthesico, como ficou demonstrado, mesmo assim, não é crivel que sejam o chloroformio ou o ether o narcotico que alguns individuos empregam para fim illicito.

Narcotizador vem de narcotizar que quer dizer: dar narcotico, adormecer, entorpecer, paralysar. Essa qualidade tem sido conferida pela imprensa e pelo povo, entre nós, á quem, possuidor de um meio (?)

capaz de effeito igual áquelles anesthesicos, prevalece se desse estado para bater a caixa.

E' verdadeiramente surprehendedor o que se affirma. Fazendo arder uma mecha com o narcotico (?), collocada no buraco da fechadura ou por baixo da porta de um quarto onde durma uma pessoa, transformando-se assim o somno natural em artificial, ou que acordada e respirando esse narcotico fique a pessoa de prompto impossibilitada de resistir, eis o maravilhoso poder dos chamados narcotizadores. A primeira hypothese reclama algumas condições para sua exequibilidade: idoneidade da substancia empregada; relação de tempo e espaço; quantidade de narcotico.

Não basta dizer que o narcotico respirado por quem dorme determina aquelle effeito acima dito: é mistér considerar o tempo necessario á esse fim, de accordo com a amplitude do quarto, a distancia entre o leito e os lugares em que a substancia foi collocada, pois isto influe e muito: é preciso que a quantidade seja tal que adormeça, sem matar. Mas, como determinar esse quantum? E' sabido que muitas e variadas causas, intrinsecas e extrinsecas ao organismo, de ordem physiologica como pathologica, influem sobre a acção das substancias empregadas pela therapeutica, notando-se as condições da receptividade organica, em virtude das quaes a posologia varía. Os narcotizadores, é de crer, empregam o seu precioso talisman sem o conhecimento previo destas condições: fazem-no de modo empirico, apenas, sem outro plano preestabelecido, que o de entorpecerem, e é justamente isto, segundo se affirma, que desperta a curiosidade de quem, como eu, procura saber o que elles administram.

Passando a considerar a questão por outra face, mais se destacam as difficuldades; pois, se custa narcotizar uma pessoa que dorme, muito mais custoso é

fazel-o á quem está acordado e contra a sua propria vontade. A não tratar-se de uma creança ou um ebrio, cujas forças de reacção não embaraçam o narcotizador, além de não ser necessario nestas condições o emprego do narcotico, pois a victima não póde se defender, pode-se dizer que uma só pessoa não narcotiza outra contra a vontade della; é preciso o concurso de cumplices, o que tambem exclue o emprego do narcotico para o fim premeditado.

Com os narcoticos acima citados, principalmente o chloroformio e o ether, cuja acção é relativamente demorada e cujo cheiro logo os denuncia, não é possivel obter essa narcose instantanea que se attribue á substancia administrada pelos taes narcotizadores: no entretanto se assoalha o facto como verdadeiro, bastando—cheirar um frasco de essencia, contendo o narcotico, para ficar aturdido, embriagado e incapaz de reagir—, affirmam algumas pessoas victimas desses apregoados individuos possuidores do tão mysterioso segredo.

Se, ao menos, o meio empregado fosse de natureza intangivel e pertencente aos dominios da hypnologia, bem se poderia acceital-o como explicavel e, Castellan ou Cagliostro, o seu poder magico seria descoberto logo: mas, o meio deve ser outro, material, de natureza chimica, desconhecido ainda pela sciencia e instrumento do crime nas mãos desses homens.

Por mais que procurasse desvendar esse segredo consultando e estudando o assumpto, só me foi dado saber o que a sciencia regista, mas não esclarece, como era de esperar. E' assim que G. Tourdes, a proposito do chloroformio como meio do homicidio diz...

um outro producto, recentemente empregado na Ame-

rica, o keroseleno ou keroformio, provindo da distillação do carvão, tendo pouco cheiro e uma acção instantanea (1) se prestaria tambem á este genero de surprezas; elle anniquila promptamente o conhecimento e deixa, ao despertar, um sentimento de profundo esquecimento e de isolamento.

Será este o meio de que se servem os narcotiradores, entre nós? Custa crer.

Abandonando o caracter romantico com que a questão tem sido considerada pelo povo, que impressionavel deixa-se levar nas azas da phantasia, eu bem poderia explicar o facto como promanando da ingestão de um narcotico (?) e subsequente absorpção nas vias digestivas, isto com o concurso e cumplicidade dos famulos; assim não haveria duvida quanto a sua probabilidade. Mas, o que constitue ou tem importancia curiosa é a narrativa das victimas, algumas das quaes acima de qualquer suspeita e que sustentam terem ficado narcotizadas depois de cheirarem o narcotico. E' isto que admira; e seria inacceitavel, inexplicavel, mesmo, se não se lesse na obra de Maschka, vol. 3.º pag. 157 o seguinte: «Pelo que diz respeito os casos, nos quaes se pretende que um homem, mesmo acordado, possa perder a consciencia, sómente por uma rapida applicação do chloroformio ou de outra substancia ou pela aspersão della, taes casos, pelo que respeita ao chloroformio, pertencem ao campo das fabulas. Ao contrario, pelo que diz respeito á possibilidade que haja meios por cujo uso externo possa rapidamente determinar-se uma passageira perda de consciencia e de vontade, tal cousa é para se acceitar com a maior reserva, mas que não se póde ainda absolutamente desprezar; porquanto, de um lado os progressos da Chimica e da Pathologia experimental

⁽¹⁾ O grypho é meu.

poderão descobrir alguma cousa até agora desconhecida e inesperada e de outro foi recentemente examinada experimentalmente em Vienna uma substancia sob o nome de «Bändiger» a qual deveria ter a propriedade de tolher rapidamente toda capacidade de resistir, quando atirada contra o rosto ou peito de um homem». (2)

Eis ahi a questão que estou discutindo: já se sabe que ha uma substancia que dizem ter a propriedade da que, segundo corre, possuem os narcotizadores; substancia essa cujo nome Bandiger significando domador de feras, traz a ideia da cousa: nada mais a respeito, o que é para sentir. A sciencia devia continuar suas experiencias, estudar a natureza da tal substancia e não limitar-se á tão pouco, dando lugar a que se acredite que profanos conhecem e se utilisam, mesmo empiricamente, de uma substancia de effeito maravilhoso como perigoso e que ella desconhece: e este desconhecimento não exclúe a possibilidade de que os taes narcotizadores dispõem de um narcotico, só delles até agora conhecido, como, apezar de sua inverosimilhança, os factos denunciados pela imprensa e confirmados pelas victimas, o justificam.



Passo a occupar-me de uma outra ordem de applicação do chloroformio, a que consiste no emprego desse anesthesico na clinica cirurgica; e se refiro-me especialmente á elle é porque, como já disse, é o preferido pelo maior numero dos cirurgiões.

Derivam da administração regular e scientifica do chloroformio algumas questões que me parecem interessantes: qual a quantidade de chloroformio com que no commum dos casos, entre nós, se consegue a chlo-

⁽²⁾ O grypho é meu.

roanesthesia; qual o tempo dispendido do começo ao fim da administração do anesthesico; quem luta mais para ser chloroformisado, creanças, homens, mulheres, qual a raça e profissão.

A primeira questão tem para mim importancia capital, pois, variando a quantidade do chloroformio. devido, á causas multiplas individuaes ou alheias ao individuo, não se póde, é certo, precisar qual a quantidade do anesthesico com que se obtem a narcose. A restricção, porém, que se nota nos termos em que formulei a pergunta, isto é—entre nós—, deixa perceber que alguma causa outra extranha á essas já conhecidas que em geral difficultam ou retardam a acção do chloroformio, podendo trazer o mesmo embaraço, deve ser procurada por quem tenha de esclarecer duvidas relativas á tal assumpto. Bem sei que a edade, o sexo, o temperamento e habitos individuaes, os apparelhos administradores do anesthesico, o seu fabrico, etc., não permittem precisar a quantidade á dispender: mas, tenho para mim que muitas vezes nenhuma dessas causas influe nas chloroformisações, entre nós, no sentido acima apontado. E' regra aconselhada e seguida pelos cirurgiões que o chloroformio deve ser administrado gotta á gotta, não só para poder-se calcular a quantidade empregada, como também attendendo-se ás condições de receptividade do individuo: e se por este methodo do-gotta á gottapóde se avaliar, sómente nos casos á que os francezes espirituosamente chamam de -bons sujets -em 15 a 20 grammas a quantidade do chloroformio despendido—, casos outros ha, e não são poucos, em que se emprega o dobro e mais do dobro para poder obter-se uma narcose e não de todo completa.

Em numero não pequeno de operações á que fui convidado para dar chloroformio, posso garantir

ter dispendido 30, 40, 50 e até 60 grammas, não excedendo esta dóse por temer a acção do narcotico sobre as cellulas, das quaes é elle um veneno poderoso; e tanto é assim que actualmente o empenho dos bons cirurgiões é operar no menor tempo possivel—o exito feliz de uma operação estando em grande parte na razão inversa do tempo e portanto na menor quantidade de chloroformio—.

Não é crivel que essa resistencia fosse devida ao uso ou abuso dos alcoolicos, pois alguns dos operandos eram abstemios e, não fallando em mulheres e em muito poucas creanças, os outros casos eram representados por homens: sinto não poder numericamente apresentar uma estatistica exacta, para sobre ella apoiar estas minhas observações que só agora me levaram á tão interessante estudo.

Bem podia apontar o estado climaterico como influindo tambem nesse sentido, mas não o faço: chamo, porém, a attenção dos entendidos para uma causa que entre nós, parece agir de modo a difficultar ou embaraçar a chloroformisação; refiro-me ao café.

Todos sabem que entre nós usa-se e abusa-se do café. Esta deliciosa bebida que mantem as energias necessarias do organismo, dando-lhe o tom reclamado por elle na luta acerba da vida, não deixa de imprimir, por isto mesmo, á cellula tal ou qual propriedade que a torna apta á reagir contra o somno natural: é como se fosse uma sentença o seguinte conceito do povo—o café tira o somno—.

Sabe-se qual a acção do café sobre o organismo, excita e incita: devido á ella as funcções cerebraes se exercitam promptamente, o coração bate com mais vigor, o pulso se accelera e tudo isto explicado pela maior celeridade da circulação. Na investigação da causa somnigenica, variando as opiniões, umas no sen-

tido della achar-se ligada á hyperhemia do encephalo, outras á anemia do mesmo orgam, a physiologia, sciencia experimental e fallando com a eloquencia dos factos, acceitou esta ultima explicação, decorrendo das experiencias feitas que o somno é um corolario da anemia do cerebro e tanto é assim que os soporiferos fazem dormir congestionando esse orgão.

Applicando esta ligeira analyse ao ponto que convem elucidar, isto é, á acção do café na chloroformisação, não vacillo admittir que elle contribue para o retardamento da narcose. O abuso que se faz dessa bebida, contribuindo para duradoura hyperhemia da cellula cerebral, imprimindo-lhe um cunho particular que se pode denominar de—cafeismo—, não exclue, antes autorisa a conclusão de que o café obstando a anemia do cerebro, retarda ou difficulta o somno.

São as creanças as que cedem mais de prompto á acção do chloroformio; mas, além da edade, são ellas que apresentam menor resistencia e que tambem usam de menos cafe: subindo, são os adultos que mais lutam na chloroformisação; mas, devido a maior edade e portanto maior resistencia, excluindo o alcoolismo, pois, nem todos são alcoolatras, e sendo essa edade a que mais abusa do café, segue-se que nestes casos o cafeismo pode entrar no numero das causas que retardam a chloroformisação.

Respondi mais ou menos as outras questões formuladas com a explanação que dei á primeira: e me tornaria prolixo se quizesse discutir detalhadamente a influencia de tudo que concorre para esse retardamento.

Cabe-me, concluindo este despretencioso trabalho, declarar que só para motivar o estudo foi que ousei lembrar que o cafeismo muitas vezes póde concorrer para difficultar a chloroformisação, entre nós, á semelhança do alcoolismo nos paizes onde o alcool é a agua da vida dos seus habitantes e á qual bem se podem applicar os inspirados versos de Guy Patin.

> Eau de vie... eau de mort... Si elle fait vivre ceux qui la vendent, elle tue ceux qui la boivent....

S. Paulo, 21 de Julho.

Dr. Amancio de Carvalho.